

Ano II - N.º 66  
de Novembro de 1951  
Preço 1 Escudo

# o repórter

KOLOSSAIS KONKVRROS KOLOSSO

o repórter  
BATALHA  
NAVAL





# Homens & Factos do Dia

## A consciência, o chouriço envenenado e a campanha do mandarim

**Q**UE Santa Luzia, patrona dos leitores do «Reporter X», os livre de eu abanar nestas colunas em meeting de... teologia. E' que, à primeira vista, parece que venho esgrimir em controvérsia teológica. Mas não venho...



Empoleirado, aos zig-zags, no arame difficilimo dos assuntos de oportunidade, sou obrigado, hoje, a gizar na ardozia um gráfico sobre a consciência humana; e como está convencido que essa pilha invisível e impalpável do nosso ser pertence aos laboratórios da Religião, como certos irracionais inocentes que se sacrificam à experiência nos laboratórios das ciências positivas, era natural que a sala se esvasiasse e os leitores desertassem em massa, no susto legitimo de uma tremenda maçada...

Vários faits-divers registados pelos gazetilheiros nos últimos dias revelaram-me uma série de crimes da mesma classe, tipo e género. Não sei porque, existe um ritmo que rege os fenómenos mais independentes, que os agrupa, que os organiza... Devem ter notado já que os incêndios, os crimes, os suicídios, os terremotos, os desastres, os atropelamentos, formam quasi sempre forma epidémica, como se um supremo realizador os industrializasse com método, à laia de automóveis Ford ou Citroëns. Chocam-se dois rápidos, as carruagens são prensadas umas às outras, como harmónios, e logo, pelo mar fóra, aqui e além, as catástrofes ferroviárias sucedem-se, gémeas, igualmente trágicas, como repetições de um espectáculo que agrada.

Os faits-divers a que me refiro podem simbolizar-se na morte do desventurado Pepe, o popular foot-ballista que uma mixórdia ainda por definir fulminou, em 24 horas, numa intoxicação horrível. Fosse do chouriço ou da farinha, do pão ou do vinho—o caso é o mesmo daquêlê incêndio que os correspondentes dos dramas em Vila Macédo indicaram pouco depois. Um comerciante, à beira de uma falência fraudulenta, resolveu regar com gasolina o armazem, atirar-lhe um fósforo, assistir, como Nero de pantufas, da residência fronteira, à apoteose, à la minute—cenografada pelas labaredas—, e fazer oiro salvador das cinzas do incêndio, pela alquimia duma apólice de seguros premeditadamente cheia um mês antes. E para garantir o maior número possível de probabilidades de êxito, deixou que um marçano, um pobre rapazinho de quinze anos, pernoitasse, como de costume, no armazem, supondo, e com razão, que êste facto bastava para afastar as suspeitas de fogo posto. «Ninguém me julgará tão miserável que sacrificasse uma vida humana—tanto mais que me viram recomendar ao marçano que fosse cedo para o armazem.» O pobre moço, moído por doze horas de trabalho, caiu no sono como um suicida nas águas do mar—e só despertou quando as chamas formavam uma legião de gigantes rubros, bailando à sua volta, e estreitando o cerco até o estrangularem em faixas ardentes... O cálculo do incêndio era exacto... Quando os bombeiros e vizinhos, comovidos pelo seu pranto de Judas, se chamuscaram para salvar «o meu pobre empregado» (como êle bradava), apenas encontraram um montão de maté-

ria negra, disforme, gordurosa, chamejante ainda...

Sem o martirio da vítima, imediatamente o boato de crime teria posto o cavalheiro no index da justiça. Mas assim, todos pensaram como êle profetizara. «Não! Fulano não era tão celebrado que sacrificasse uma criança à mais inquisitorial das mortes!» Infelizmente—infelizmente, para o patife, já se vê—houve quem tivesse espreitado no momento da rega da gasolina. Prêso, confessou a sua infâmia!

Êste, como aquêlê—não sei ainda quem—, que para ganhar mil em vez de dez ocultou a morte do inocente dentro do chouriço ou do vinho que vendeu e que lhe compraram, às vezes com que dificuldades; e ainda aquêloutro, um médico que, chamado à pressa para tratar de um pobre chefe de família, reconhece que existe só uma probabilidade de o salvar a de operá-lo sempre de um momento, mas que exige adiantadamente dois mil escudos, sem o que não fará um gesto; e como a família, alucinada, perde tempo a esmolar essa quantia e não a consegue e já não há tempo para o recolher ao hospital, morreu o desgraçado ante o olhar do clínico impassível; e tantos como êstes que nesta semana desfilarão pelo meu conhecimento, são todos criminosos do mesmo género, tipo e categoria. E entre êles e os outros, os que matam de frente, numa explosão epiléptica, irrepreensível de ódio ou, simplesmente, para arrancar a carteira à vítima—não hesito. Ou antes: se fosse preciso, por falta de espaço, soltar os segundos para meter na cadeia os primeiros, seringaria com azeite as fechaduras para que as portas se abrissem e a substituição se desse mais rapidamente...

Mas vamos ao aspecto... teológico da questão.

Infelizmente, os criminosos desta categoria são muito mais numerosos do que os outros; muito mais numerosos do que nós pensamos, sobretudo se incluirmos na fauna os «inéditos», os que ainda não agiram, não mataram, apenas por não terem a certeza firme, absoluta, da impunidade da distância. Sim; porque todos êsses facinorosos manobram à distância, na certeza verdadeira ou errada da impunidade... Existem até pessimistas que atribuem a todo o género humano essa tara do crime pelo comodismo, mais ou menos desenvolvida: atrofiada uns, pela consciência (ela aqui está: a consciência) e super-atrofiada noutros—pela tolerância da consciência...

E' a eterna história do Mandarim, que Mariveau fez em linhas doiradas dum diálogo e que o nosso Eça glosou e desenvolveu no Sol maravilhoso do seu belo talento num dos seus romances mais suaves e saborosos... Uma noite, um pobre diabo que vegeta na estreiteza de um ordenado reles, sem direito à extravagancia de uma hora a mais de espartina—para não aumentar uma só vela, o seu orçamento de luz—, sonha com os paraísos que lhe estão vedados, com viagens, luxos, palácios, mulheres esplendorosas, e com a riqueza, chave única de todas as venturas e gozos. Súbito, alguém invade a sua modesta alcova. E' Mefistófeles—meio Satan de ópera, meio «sábio de chapéu de chuva»—com os chavelhos

a aparecerem sob o chapéu alto e a cauda es tigmatizante a abanar por entre as abas da sobrecasaca. «Queres ser rico, sem trabalhos? Queres possuir uma [das maiores fortunas do mundo e com ela te apossares de todos os bens da terra, ultrapassando os teus sonhos mais audazes?»—segreda-lhe o visitante. «Existe a muitos milhares de léguas daqui, no fundo da China misteriosa, um mandarim inútil, estúpido e pôdre de rico. Passa o dia estendido na relva, com o fio de um papagaio de papel entre os dedos papudos... Se êle morrer, êtu o herdeiro das suas incalculáveis riquezas. E para morrer, basta tu badalares uma vez essa campainha que está em cima dessa mesa, ao alcance das tuas mãos!»

Para todos os efeitos... era um crime—um crime de morte, um crime para se apossar de uma herança. Mas não era preciso esperar a vítima à esquina de uma rua deserta, a meio de uma noite tenebrosa. Não era preciso lutar, ferir, sentir nas faces o calorismo do sangue esguichado da ferida, nem escutar as súplicas, os gemidos, os gritos de dôr e de terror, o glu-glu da agonia... Não era preciso, sobretudo, fugir, correr, esconder-se, disfarçar, lavar as mãos e a roupa, apagar vestígios, sofrer horas de impetuosa espectativa sob o pesadelo da policia, do tribunal, da penitenciária ou do patíbulo... Era apenas necessário executar um gesto simples, fácil, natural: estender a mão, pegar no pequeno badalo que parecia agora cintilar aos seus olhos como que a chamá-lo; agitar uma vez só a campainha... escutar. Há o tilintar cantante e alegre... E logo, como na velocidade vertiginosa e inverosímil de uma onda hertziana, a morte faúlhada pelas suas mãos iria ferir, fulminar, assassinar lá longe, muito longe, na China, um mandarim que êle nunca tinha visto nem ouvido falar, que estaria de papo para o céu, sobre a relva, inútil e ventruado, a olhar os zig-zags do papagaio de papel... O herói da história souu, empalideceu, ouviu zumbidos de milhares de insectos, mas por fim... executou, agitou a campainha, matou o mandarim...

Todos os criminosos desta «série» mataram, assassinaram—tocando a campainha do mandarim. O mais honrado de entre êles não se debateu numa hesitação mais violenta, no camarim secreto da sua consciência, do que o pobre diabo da história. Era tão simples, tão garantida a impunidade, tão distante a vítima, que havia de morrer envenenado com o chouriço, ou torrado pelas labaredas do incêndio ou à mingua de um ferro cirúrgico, como no caso do mandarim... Que todos os homens, filhos de Eva, a pecadora mal intencionada, e de Adão, êsse fraco, sem carácter, sem energia, nem sequer para pregar dois berros à esposa e metê-la na ordem quando ela lhe veio com a maçã—

(Continua na pag. 13)



Êle:—Acabam de roubar-me a carteira com quinhentos mil reis.  
Ela:—Não te rales, porque eu enchi a primeira «folha de combates» do Concurso KOLOSSO. E, como sabes, o 1.º prémio é de quinhentos escudos.

# Não perca tempo! Bata-se conosco!

nas grandes batalhas navais do REPORTER X

**A primeira semana dos Concursos KOLOSSO Semanais foi um sucesso — a segunda vai ser um delírio!**

O REPORTER X esgotou sucessivas edições não conseguindo, mesmo assim, atender todos os pedidos **Valentes! Artilheiros! Portugueses de raça! Vamos à segunda batalha, que começa hoje!**

**4.000 escudos de prémios aos vencedores! 4.000 escudos!**

1.000 escudos para Lisboa — 1.000 escudos para o Porto — 1.000 escudos para Coimbra —  
1.000 escudos para as províncias e uma quantidade infinita de pequenos prémios pecuniários

Quem serão os felizardos a quem a sorte vai hoje distribuir os prémios?

**F**OI aiém de todas as expectativas o acolhimento dispensado pelo grande público, desde as mais pequenas localidades às cidades mais populosas, aos Concursos KOLOSSO semanais iniciados durante esta semana. As «Folhas de Combate» choveram na nossa redacção e nas agências do Porto e Coimbra. O Reporter X viu-se forçado a aumentar para mais do dobro a sua já enorme tiragem e mesmo assim não nos foi possível atender a todos os pedidos. Ficou muita gente privada de combater na primeira batalha por não ter conseguido obter um exemplar do nosso semanário. Paciência. Para esses, para os preteridos, resta-lhes a esperança de se baterem no segundo combate, que começa neste número. O grande público mostra-se um artilheiro audaz de pontaria firme e serena e não quer deixar à superfície dos mares um único dos dez navios da *esquadra terrível do Reporter X*.

Houve quem regulasse os tiros apoiado em regras matemáticas, quem quisesse dominar cientificamente essa força secreta do Destino que se chama Sorte, ensaiando martingalas, desenvolvendo táticas que fariam tremer as mais fortes esquadras do mundo.

Até que ponto foram eficazes esses tiros? Sobre quem se decidirá a preferência enigmática da Sorte? Mistério! Mistério que vai ser hoje desvendado, pelas 10 horas da manhã, quando se abrirem os envelopes KOLOSSO expostos na Tabacaria Chave de Ouro, Rossio, Lisboa; na casa Manuel da Silva Braga, Praça da Liberdade, 129, Porto; e Tabacaria Silva, Rua Ferreira Borges, 41, Coimbra.

Ao mesmo tempo que se exporá o conteúdo dos envelopes com as posições da esquadra no primeiro combate, outro envelope surgirá, fechado e lacrado, contendo a posição do segundo combate, mais terrível do que o primeiro.

Se tu leitor não lograste afundar, destroçar, ou pelo menos atingir algumas unidades, não percas tempo: bate-te no segundo combate, numa luta simples, barata, emocionante, sem colecções, sem cadernetas, nem maçadas... Bate-te com energia porque o triunfo está nos 4.000 escudos de prémios que o Reporter X distribue aos concorrentes: 1.000 escudos para Lisboa! 1.000 para o Porto! 1.000 para Coimbra! 1.000 escudos para as províncias. Não perca tempo. Bata-se conosco!

## SEM SE COMBATER NÃO SE PODE VENCER! BATA-SE CONNOSCO

Nunca concorreu? Ainda não experimentou vencer a esquadra terrível do Reporter X? Não sabe como se combate? Então aprenda a vencer.

Todas as sextas-feiras, às **10 horas da manhã**, será afixado, em Lisboa, na montra da Tabacaria do «Café Chave d'Ouro», no Rossio; no Porto, na casa Manuel da Silva Braga, na Praça da Liberdade, 129, e em Coimbra, na Tabacaria Silva, Rua Ferreira Borges, 41, um envelope KOLOSSO, fechado e lacrado, contendo dentro um rectângulo, [como este:

EXEMPLO:

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
2	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
3	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
4	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
5	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
6	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
7	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
8	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
9	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
10	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

Dentro deste rectângulo oculto no envelope, em posição horizontal ou vertical e separados uns dos outros, o Reporter X colocará as seguintes unidades da sua esquadra:

1 navio almirante de 4 canos, que ocupará 4 pequenos quadradinhos seguidos.

2 cruzadores de 3 canos, que ocuparão, cada um, 3 pequenos quadradinhos seguidos.

3 «destroyers» de 2 canos, que ocuparão, cada um, 2 quadradinhos seguidos.

4 submarinos, que ocuparão um pequeno quadrado, cada.

A habilidade de cada concorrente estará em destruir esta esquadra, cujas posições se encontram escondidas no envelope, com uma série de **quarenta e cinco tiros**, que marcará (sem tocar as linhas, sem rasuras nem emendas) ao centro de cada pequeno quadradinho.

EXEMPLO:

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1	●									
2		●							●	●
3										
4										
5										
6	●	●								
7										
8										
9										
10	●									

Os tiros marcam-se com um ponto a tinta na

«Folha de combate» que publicamos todas as semanas. Essa «Folha de combate» será preenchida pelo concorrente com o seu nome e morada conforme o impresso indica, e entregue pessoalmente ou pelo correio (e neste último caso acompanhada de um selo de \$15) até às **19 horas da quarta-feira seguinte**, na Administração do Reporter X, Rua do Alecrim, 65, 1.º, para os concorrentes de Lisboa, que receberão em troca uma senha numerada. Os concorrentes do Porto e de Coimbra farão a entrega da sua «Folha de combate», respectivamente, na Praça da Liberdade, 129 e Rua Ferreira Borges, 41, até às **17 horas** prefixas de quarta-feira, recebendo igualmente em troca uma senha numerada. Os das províncias enviar-nos-ão as suas «Folhas de combate» pelo correio, de forma a chegarem à Rua do Alecrim, 65, 1.º, na quarta-feira seguinte à da publicação de cada folha, acompanhando a remessa com a franquia de \$15 centavos a-fim-de-lhes ser remetida a respectiva senha numerada. Dentro dos prazos estabelecidos, qualquer concorrente nos pode enviar de qualquer ponto do país a sua «Folha de combate», acompanhada da franquia postal, para a nossa administração de Lisboa.

Na semana seguinte os envelopes KOLOSSO afixados em Lisboa, Porto e Coimbra serão abertos à frente do público, patentando as posições da nossa esquadra, e o Reporter X desse dia reproduzirá as mesmas posições, por onde os concorrentes verificarão, num relance, até que ponto os seus tiros foram eficazes e destruidores.

E logo ao lado desse envelope aberto outro envelope KOLOSSO surgirá fechado e lacrado contendo as posições da esquadra para a grande batalha da nova semana que começa.

**O DINHEIRO IMEDIATO**

Imediatamente à abertura dos envelopes, em

Lisboa, Porto e Coimbra, a nossa administração na Rua do Alecrim entregará os prémios aos vencedores de Lisboa e enviará pelo correio os prémios aos das províncias; na nossa Agência do Porto levantarão os concorrentes os seus prémios e na de Coimbra proceder-se-á de igual modo.

### Rápido! Irrefutável! Decisivo!

Os concorrentes que possuam a senha numerada que damos em troca da «Folha de Combate», preenchida e marcada pelos quarenta e cinco tiros, estão habilitados aos seguintes prémios:

#### 1.º PRÉMIO:

**500 escudos**

Cabe ao concorrente que **afundar todas as unidades**. No caso de haver mais de um concorrente nestas condições, será o prémio sorteado entre estes, que assistirão todos ao sorteio, a que presidirá um júri idóneo. Após este sorteio, os concorrentes deste grupo a quem não tenha tocado o 1.º prémio **receberão 50 escudos** cada, como prémio de compensação.

#### 2.º PRÉMIO

**200 escudos**

É entregue ao concorrente que **maior número de tiros acertar e mais unidades afundar a seguir ao primeiro premiado**. No caso de haver mais de um concorrente em idênticas condições, proceder-se-á a um sorteio igual ao do primeiro prémio, recebendo os que perderem uma **compensação de 20 escudos**, cada um.

#### 3.º PRÉMIO

**100 escudos**

Será dado ao que **não atingir nenhuma unidade**. Como nos prémios anteriores, se houver mais de um concorrente deste grupo em igualdade de circunstâncias, far-se-á o desempate por sorteio, cabendo **10 escudos** de compensação aos que não forem bafejados pela sorte.

#### 4.º PRÉMIO

**100 escudos**

Caberá ao concorrente que **afundar o navio almirante, sem atingir as outras unidades**. Como nos anteriores, no caso de empate, decidir-se-á por sorteio, cabendo um prémio de compensação **de 10 escudos** para os que não alcançarem os 100 escudos.

#### 5.º E 6.º PRÉMIOS

**50 escudos, cada**

Aos dois concorrentes que **afundarem os quatro submarinos, sem atingir as outras unidades**. Havendo mais de dois concorrentes nestas condições, proceder-se-á a um sorteio idêntico ao que já anunciamos, cabendo **10 escudos** de compensação aos que não lograrem o prémio inteiro.

#### Importante:

Serão eliminados todos os concorrentes que **não cumpram as indicações** publicadas;

Que marquem os seus tiros em papel diferente da «Folha de Combate» que o *Reporter X* publica todas as semanas. **Só serve a Folha do «Reporter X»;**

Que não reclamem o seu prémio um mês depois da publicação da respectiva «Folha de Combate».

Cada premiado receberá o prémio em troca da **senha numerada**, e do seu **retrato** que, no caso do premiado não o possuir, o *Reporter X* se encarregará de tirar.

**Não perca o seu tempo.  
Bata-se conosco!**

# Folha do segundo combate CONCURSOS KOLOSSO SEMANAIS

Batalha naval do REPORTER X  
4.000 escudos de prémios! 4.000 escudos!

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
1											1
2											2
3											3
4											4
5											5
6											6
7											7
8											8
9											9
10											10
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	

**Não perca tempo! Bata-se conosco!**

Nome do concorrente .....

Morada .....

Número .....

Localidade .....



José Manuel Soares («Pepe»)

### No tumulto das conjecturas — Um olhar retrospectivo — O receio do «Pepe» pelo crime de envenenamento — A hipótese do assassinio — As suspeitas de um alcantarense — Quem poderia ter envenenado o grande internacional?

De linhas geométricas, alvo e silencioso como um catafalco, lapidado aritméticamente por um número que é uma inscrição necrológica, ergue-se no cemitério da Ajuda como uma singular pirâmide egípcia consagrando o nome de um faraó o armário municipal onde se recolhe o corpo inerte do malogrado internacional da bola José Manuel Soares, o «Pepe», o nome simples de um operário metalúrgico, um *sobriquet* apaixonado da *aflicion* desportista. Distante, no laboratório do Instituto de Medicina Legal, vedadas ao conhecimento da ciência, mergulham nos líquidos as vísceras para efeitos do exame toxicológico. Entretanto, desbobinam-se a imaginação e a curiosidade doentia sobre as causas da morte desse rapaz modesto, cheio de mocidade e saber desportivo, debruçadas no varandim das hipóteses, conjecturando sobre um incidente vulgar de envenenamento pela ingerência de alimentos em mau estado ou atribuindo-se a morte a um crime friamente premeditado.

Por via de regra, a imaginação humana, conturbada pelo ruído das suposições, desliza pelos côrregos do inverosímil, exagerando nos raciocínios sobre a verdade dos acontecimentos sempre que o tumulto das paixões desdobra o carril da inteligência. A ciência psicológica é fértil nessas demonstrações e a experiência tem-nos aconselhado a aguardar que se dilua na atmosfera dos sobressaltos as opiniões sem fundamento jurídico ou sem consistência mental. Não importa mesmo que apareçamos quando pareça estar esquecido o acontecimento. O que interessa é caminhar pela estrada do raciocínio deixando os atalhos da precipitação.

«Reporter X», quinze dias depois da morte de «Pepe», aparece na sua investigação. Não tem a vaidade de brandir o florete da descoberta porque nunca se imiscuiu nas funções que pertencem à investigação científica. Também não vem macaquear a figura que Conan Doyle immortalizou — Scherlock Holmes. Vem, apenas, com a modestia do seu passado, rasgar um pouco a tela do mistério que envolve a morte do infeliz «Pepe». Nada mais.

# Quem envenenou o «Pepe»?

## A VISÃO DA TRAGÉDIA

«Pepe» morreu pouco depois de ter ingerido a fatal *sandwich* de pão e chouriço de carne. A medicina reconheceu-se impotente para inutilizar a acção dos tóxicos que o popular jogador tinha ingerido. A sua morte foi, pois, quasi fulminante. E pelo resultado da autópsia, verificou-se que José Manuel Soares havia morrido por envenenamento. Agora, nem já pode admitir-se que o pobre rapaz tivesse sido vítima de um crime de estrangulamento. A ciência foi bem clara a esse respeito.

Fixada na ameaça muralha do envenenamento, a investigação científica e a observação policial vão apurar se a morte do popular jogador se deve ao facto d'ele ter comido géneros em mau estado ou se aos alimentos ingeridos foi criminosamente ministrada qualquer matéria que lhe causasse a morte. Distinguir as duas causas, estabelecendo a verdade, não nos parece de fácil apuro, visto ser difícil saber-se, na hipótese do crime, se os géneros vieram do merceiro impróprios para o consumo ou se foram adulterados depois, por mão que tinha interesse, por ódio, vingança ou por outra circunstância, na morte de «Pepe».

Sabe-se que a família de «Pepe» teve por refeição sopa de grão, que foi temperada com chouriço de carne, este adquirido numa quantidade de 60 gramas numa mercearia do sítio. Durante a noite que se seguiu ninguém dessa família se sentiu indisposto. «Pepe» foi para o trabalho, para o Centro de Aviação Marítima, levando para o lanche uma *sandwich* de pão e chouriço. Ali distribuiu, por uma gata, o farnel, e poucas horas depois morriam ambos — o popular jogador e a gata.

Teremos, pois, de aceitar, pelo menos enquanto as análises aos géneros apresentados a exame não forem conhecidas, que o veneno que matou «Pepe» estava no pão ou no chouriço. Não se crê que fôsse neste último género, pela simples razão de ter temperado a sopa. Em favor desta hipótese milita, no entanto, a circunstância de algumas pessoas da restante família terem sido igualmente atacadas, pelo que foram lavar o estômago ao hospital. Se o chouriço estivesse em bom estado certamente que não atingiria mais ninguém a intoxicação. Diz-se também que se deve a água intoxicada a morte de «Pepe». Nestes casos, como se explica a morte da gata, na mesma ocasião em que «Pepe» deixava de pertencer ao número dos vivos? Aparece ainda, em última análise, como causa da morte, o pão que «Pepe» e a gata comeram. Mas diz-se que algumas das pessoas da família de «Pepe» não comeram desse pão. E se é assim, como se compreende que tivessem sido incomodadas?

Temos, por consequência, de admitir que «Pepe» foi vítima de intoxicação proveniente do chouriço ou do pão. Localizemos as nossas conjecturas sobre o chouriço, por ser este género o que devia ter agregada a maior quantidade de matérias intoxicantes.

## NO TUMULTO DAS HIPÓTESES

Desenvolvamos as hipóteses. A de que os géneros ingeridos por «Pepe» não foram criminosamente envenenados reúne uma insignificância de votos. Em Alcântara e Belem criou corpo a ideia do crime. «Pepe» teria sido assassinado friamente, por aquêle processo, por alguém que tinha interesse no seu desaparecimento. Mas quem? O popular jogador não tinha inimigos tão bárbaros que cometessem essa monstruosidade. E até gozava de muita estima nos meios desportivos, no sítio onde morava e no trabalho.

Seria absurdo atribuir ao conflito da bola semelhante calamidade. «Pepe» era apenas jogador e nenhuma responsabilidade ée tivera nas questões entre a Federação e a Associação de «Football» de Lisboa. Limitava-se a ser um disciplinado

jogador do «Belenenses». Os *bemfiquenses* ou os *casapianos* com quem, colectivamente, estava de relações cortadas, estimavam o pobre rapaz e fôram eles os que bastante sentiram a morte do grande internacional e olímpico.

Em Alcântara, quando ali estivemos há dias, um homem coberto de cãs disse-nos em voz de confiança:

— Talvez a família saiba quem envenenou o chouriço!

— Porquê?

E o simpático velho narra-nos alguns episódios curiosos que para aqui trasladamos, apenas como elementos que podem servir à investigação.

— Há dois anos, «Pepe» desconfiou que o quem envenenar!

Como observasse em nós sobressalto, o nosso interlocutor esclareceu:

— Uma vizinha, a senhora Lucrécia, foi a um casamento da provincia e trouxe de lá uns pires de arroz doce que ofereceram à mãe de «Pepe». Dois dias depois, deram desse arroz doce ao rapaz que, notando-lhe uma cór esverdeada, não o comeu e foi com êle a uma farmácia do sítio para lhe fazerem análise. Como lhe tivessem pedido 300 escudos pela análise, «Pepe» desistiu e não comeu o arroz. Julgava que o pretendiam envenenar.

— Mas quem?

— A família!

— Isso não pode ser! — exclamámos, indignados.

— Não sei se pode ser ou não. O que lhe posso garantir é que as relações com a irmã não eram das mais amistosas. Depois do casamento da rapariga com o Rodolfo Faroleiro — um companheiro de «equipe» de «Pepe» —, a coisa não corria muito bem. E olhe que eu não desconfio do Rodolfo. Este era incapaz duma maldade, porque tinha sincera amizade pelo «Pepe».

O bom velhote despeja recriminações sobre algumas pessoas, não sabemos se com fundamento ou por espírito de maledicência.

## CRIME OU IMPREVISTO?

Se, na verdade, a morte de «Pepe» se deve ao



«Pepe» com a «equipe» do «Belenenses»

estado impróprio para consumo do chouriço que o vitimou e a gata, não é despresível a hipótese de ter sido adicionado áquelle género qualquer veneno. Por quem? Não sabemos. Mas a vida de «Pepe» não era tão complicada que não seja possível apurar os nomes das pessoas que lhe prepararam os alimentos. Se aquêle produto saiu em bom estado da mercearia que o vendeu (há pessoas que adquiriram no estabelecimento o mesmo género e não se sentiram mal), temos de acreditar que alguém — e descobrir esse alguém é com a policia — lhe ministrou o veneno antes de ser cozido, assim se explicando que o caldo da sôpa tivesse intoxicado a restante familia. Teria sido o pão? Mas só «Pepe» e a gata ée foram vítimas do pão

(Continua na pag. 13)



## António Bandeira

**E**STÁ-SE formando um movimento colectivo em favor da libertação, ou seja do indulto, de António Bandeira. Essa vibração das

almas piedosas só pode ser acusada de uma falta: a de não haver sido iniciada mais cedo... O que esse desventurado sofreu já, corresponde, na sua sensibilidade delicadíssima, aos mais dolorosos suplicios da Idade-Média. Desde a primeira hora que a má sina de António Bandeira nos angustia, nos comove, nos atormenta. Não sabemos doutro capricho da Fatalidade mais cruel do que este que o está inquisitoriando há seis anos. Nunca lhe falámos; nunca o Destino, durante as nossas andanças pelo mundo, nos colocou no seu caminho luminoso, quando a sua situação social estava nimbada de esplendor; nunca o acaso do jornalismo nos levou à sua beira neste seu período de derrota e de martírio.

É preciso recuarmos, contemplarmos o romance da sua existência. Pobre, sonhador, legitimamente ambicioso, cheio de mocidade e de talento, lançou-se na batalha da vida, corajosa, heroicamente, desprezando atalhos ou transigências que podiam recompensá-lo da falta de recursos materiais e apressar a vitória. Para se defender, nos primeiros tempos de luta, serviu-se da pena, marcando no jornalismo e nas letras um lugar brilhantíssimo. Depois veio a emoção dos primeiros passos dados em pleno paraíso, longamente sonhado; entrou para a carreira diplomática... O que foi a existência de António Bandeira nessas primeiras *étapes* diplomáticas, em Paris, em S. Peterburgo, em Roma — adido, segundo secretário; recebendo um ordenado que apenas chegava para um passadinho de estudante, sem fortuna pessoal, sem direito a trabalhar simultaneamente noutra *métier*; cuidando das aparências, sacrificando tudo para que a casaca não faltasse, para que os fatos variassem, e ao mesmo tempo ganhando amizades preciosas, é qualquer coisa de prodigioso, de heroico. Milagrosamente, graças apenas ao seu talento, ao seu trabalho, triunfou. Ministro de Portugal em Haya. A sua situação financeira, se não era desafogada, era suave, quasi tranqüila. Nenhum diplomata português da sua época conquistara uma situação tão brilhante como a que ele gozava. Nenhum membro do Corpo Diplomático acreditado em Haya podia nivelar-se a António Bandeira. Nenhum conseguiu apossar-se da amizade e da intimidade da rainha, do príncipe consorte, dos políticos, dos *grands-seigneurs* do país, como ele se apossara. Os outros, os veteranos, os milionários, o próprio decano, vinham suplicar-lhe um pouco da sua influência... Era o prémio de muito sacrifício, de muita luta. E quando, muito fatigado, colhia os frutos bem ganhos, eis que a Fatalidade o destrona, o humilha, o deshonra, o arranca do esplendor e da intimidade dum palácio real para a ignomínia de uma penitenciária... Mas... e o seu crime? E houve crime, de facto? Não, não houve. Pelo contrário... Houve apenas uma exagerada e mui louvável ternura por um irmão mais novo, cujo passado ele perdoara com os argumentos do muito amor que lhe tinha. E nesta cegueira, feita de ternura, de amor, de piedade, de santa ambição, não viu o mal, não sentiu o fogo... E o fogo envolveu-o todo! Que drama horrível, o desta existência! Que as leis se caíem e que os corações falem! Piedade para ele, que bem a merece...

## Os portugueses e o chá

**O**S portugueses parece terem sido fadados a interferir nos grandes acontecimentos que se ligam com o problema do chá no mundo civilizado. Os leitores riem-se? Sim, o chá é um problema importantíssimo em quasi todo o mundo, apesar de em Portugal o seu consumo ser, proporcionalmente, vinte vezes inferior ao da Rússia, dozoito ao do Japão, catorze ao de Inglaterra, oito ao da França.

Julgou-se durante muito tempo que o Japão — o mais antigo produtor e consumidor de chá — era o país onde a sua infusão mais se bebia. As últimas estatísticas publicadas no *Pravda* de Moscow provaram que a Rússia lhe levava a palma. Assim, pela ordem decrescente, os países de maior consumo são: Rússia dos Sovietes, Japão, China, Pérsia, Inglaterra, Roménia, França, Itália, Estados Unidos, Tchecoslováquia e, finalmente, Portugal. E, no entanto, foram os portugueses os primeiros europeus que penetraram e fixaram relações diplomáticas e comerciais com o Extremo Oriente, que o trouxeram para a Europa e vulgarizaram a bebida.

Até quasi aos fins do século XVII, a velha Albion ignorava a existência do chá e já em Portugal as melhores famílias o tomavam havia perto de cem anos como deleite e como remédio para indisposições de estômago. Foi preciso uma princesa lusitana, D. Catarina de Bragança, filha de D. João IV, que casou com Henrique IV, de Inglaterra, levar para a corte a moda de beber chá para esta planta se tornar conhecida naquêlo país. D. Catarina era de uma fealdade inconcebível. Seu marido, tendo por ela grande repugnância, raro a visitava, deixando-a fazer uma vida à parte com as suas aias e pagens portuguesas. Para entreter

a monotonia do seu viver, D. Catarina de Bragança reunia todos os dias, pelas cinco da tarde, as suas aias e tomava chá com elas, cavaqueando, convivendo. A bebida misteriosa começou a intrigar a corte inglesa. E depressa se espalhou entre os nobres o hábito de tomar chá às cinco horas. Nasceu assim o *five o'clock tea* — que os portugueses reimportaram com a marca britânica como succede com as fazendas da Covilhã ou de Coimbra.

Agora, em pleno século XX, é ainda uma portuguesa que se distingue em assuntos de chá. Chama-se Maria de Jesus Pina. O seu paladar é tão apurado, tão subtil, que logra distinguir todas as qualidades de chá, sem se enganar. Acaba de ser contratada, por mil libras anuais, por um importante estabelecimento de Londres — só para provar chá. E lembrarmo-nos nós que em Portugal há tanta gente com falta de chá!...



## FRANZ LEHAR, o famoso autor de operetas vienenses,

**conseguiu mais um êxito com «Die Wanderer», que se passa em Portugal, no tempo de D. João V**

**F**RANZ Lehar é o Gounod da música frívola. Um encheu a Eternidade e compôs a «Ave Maria»; o outro transbordou a sua época e é o autor da «Viúva Alegre».

Franz Lehar era, aos 20 anos, um de entre muitos executantes dum teatro de Viena — tão rico de ambições de glória e fortuna como pobre de dinheiro. Um dia escamoteou do gabinete do empresário uma partitura dum consagrado, substituindo-a por uma que compusera nos curtos intervalos dos seus concertos particulares, lições e concertos em «cafés».

Foi um pasmo para o empresário, artistas, executantes, e até para o «consagrado», que ouvia, surpreendido, como sua uma música que ele não fizera. Franz Le-



har, com a rabeca entalada entre o queixo e o peito, ergue-se da orquestra e, explicando-se não sabemos como, declarou-se o autor. Como a partitura não coincidia com a peça — fez-se uma peça para a partitura, que ficou celeberrima e se chamou «Viúva Alegre»... A «Viúva Alegre» representou-se em 43 países, cantou-se em 25 línguas, deu 257.978 representações e, segundo o livro de homenagem ao autor, traduzido para francês «Vienne de Franz Lehar», numa só noite — noite de 5 de Dezembro de 1912 —, e já com oito anos de existência, representou-se simultaneamente em 143 teatros — *record inédito* —, entre os quais 19 em Paris, cinco em Lisboa (admirem-se, mas vem registado e a «Ilustração Portuguesa» da época publicou as fotografias das cinco protagonistas), no «Trindade», no «Avenida», no «Coliseu» (italiana), no «República» de então (espanhola) e no «Apolo»... Só de direitos desta opereta (Franz Lehar produziu, até hoje e em 20 anos de trabalho, 45 obras teatrais) recebeu perto de 5 milhões de corôas (ouro). A sua última obra, grande sucesso no «Scala» de Viena, já em cena no «Theater» de Berlim e no «Pall-Theater» de Londres, intitula-se «Die Wanderer», traduzida para inglês como «The Portuguese King» — «O Rei Português». Para nós, tem êste especial interesse: a acção desenvolve-se em Portugal, no reinado de D. João V, e o argumento baseia-se nos amores do rei «pseudo Sol» lusitano com uma fidalga inglesa.



Um aspecto do ataque ao fogo

**A madrugada trágica — Dezassete contos ou a loucura dum crime monstruoso — A dura expiação de dois incendiários — O sol da liberdade de Leandro e Fernandez — Ossadas desprezivelmente guardadas num sotão, dentro de velhos e sujos caixotes.**

Foi há cerca de vinte e cinco anos, em dez de Abril de mil novecentos e sete, numa madrugada fria, de horizonte nebuloso. Lisboa, mergulhada no recato da vida aldeã, recolhida-se no silêncio das alcovas, na pacatez do remanso. O bulício nocturno, estonteante e narcótico, vivia ainda distante nos grandes centros cosmopolitas, burilados pela civilização contemporânea, e dele até nós chegavam, a espaços, murmúrios imperceptíveis. A cidade, virgem dos prazeres artificiais, dormia o sono da inocência no berço simples da infância. A austeridade da madrugada era apenas lacerada pelo ruído de uma velha tipografia que transportasse qualquer fidalgo noctívago, embriagado nos sonhos de Cupido.

Um vermelhão intenso pôs, de súbito, no horizonte uma nota trágica de sobressalto. Rolos espessos de fumo, o crepitar de um incêndio, enrodilharam de calafrios a população. As cornetas dos bombeiros, com sons agudos, provocaram estremeções. O ruído forte das viaturas lançou o pânico e o alarme. Galegos untuosos puxavam violentamente as irritantes bombas de mão, mueres dos bombeiros, com a volúpia do incêndio, relinchavam alegremente, arrastando as viaturas. O pavor e a desgraça erguiam seus clamores de odisseia.

Vulcano lambia sôfrego o prédio duzentos e trinta e três da Rua da Madalena, envolvendo nas suas chamas intensas muitas vidas. Os espasmos da tragédia sulcavam mais fundos esgares do que as próprias labaredas. O fogo irrompera com cruel violência, dir-se-ia num desejo bárbaro de vingança. E os corpos de alguns dos inúmeros habitantes do prédio crepitavam, como os madeiros, em convulsões mortíferas. As chamas lambiam, gulosamente, esses moradores, não poupando na voracidade os seus carbonizados corpos. Duas meninas, duas mocidades a aflorar na adolescência, vinham precipitar-se no solo, na louca ânsia de escapar à morte. Seus virginais corpos estatelaram-se na calçada, um depois de ter derrubado o candieiro de iluminação pública. E pelas escadas de

# Algumas das vítimas do incêndio da Madalena ainda não foram enterradas

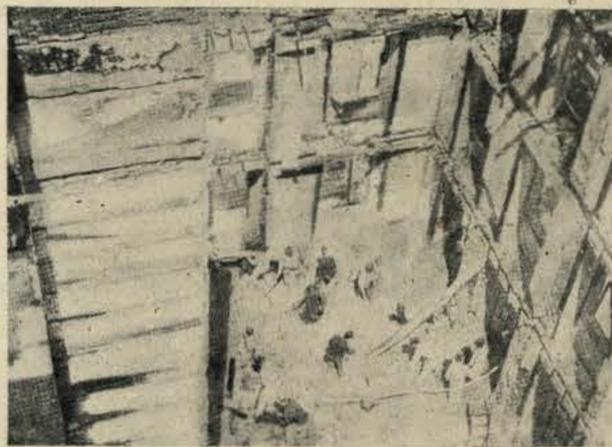
Santa Justa, pedaços de massa encefálica, fragmentos de carne rubra, ainda quente, das duas jovens transformavam o local numa vasta e tétrica mesa anatómica. E as labaredas não deixavam de erguer-se, gritos lancinantes já mais se apagavam.

As bombas cruzavam-se em todas as direcções, chocando-se os sinais de alarme, que rasgavam na sua estridência a sensibilidade humana. Os moradores dos prédios vizinhos abandonaram loucamente as moradias e vieram, em trajas recatadas, para a rua. O incêndio, ferozmente acossado pelas matérias inflamáveis, parecia subverter todo o quarteirão da Rua da Madalena. De todos os lados se ouviam lamentos, o sentimento de ternura pelos que as labaredas consumiam erguia-se como prece religiosa. E a noite, com seu manto negro, lantejoulado pelas estrelas de luz discreta, aumentava ainda mais terrivelmente o pavor dessa noite trágica e tristemente inolvidável.

Quando os clarões do dia projectaram uma réstea de luz branca na Rua da Madalena o prédio não era mais do que um esqueleto sem configuração. Destroços apilham-se sobre destroços, e a atmosfera estava impregnada de um odor repugnante a carne humana queimada. Os bombeiros, exaustos pelo trabalho e dominados pela comoção, recolhiam, vergados pelo pavor, os restos mortais das vítimas. Nada menos do que quinze se amontoavam no local da catástrofe—doze carbonizadas, uma morta pelo susto e duas crianças que, na aflicção da dor, julgaram fugir à tragédia lançando-se à rua.

## A ALUCINAÇÃO DO DINHEIRO

Os soldados da Paz, esses heróis obscuros dos incêndios, os valorosos bombeiros que dominaram os ímpetos de Vulcano, pareciam outros cadáveres, agora na missão macabra de remover os escombros em busca dos corpos carbonizados. Um sol branco, proscrito de luminosidade, estendia-se como uma faixa fúnebre pela Rua da Madalena. Bombeiros, quais serventes de um necrotério público, recolhiam os pedaços de carvão humano, preservando-se com as cautelas necessárias para que os corpos, embora fragmentados, seguissem para a Morgue. Tarefa difícil, foi realizada pela muita dedicação dos bombeiros. E os tabuleiros da Morgue e o solo ensangüentados polvilharam-



Os escombros da casa da Rua da Madalena depois da catástrofe

de destroços humanos da catástrofe. Era então director do estabelecimento o Conselheiro Silva Amado. Depois o silêncio das necrópoles sobre os restos mortais dos habitantes do prédio da Rua da Madalena que haviam sido carbonizados. Apenas se realizaram os funerais da senhora que morreu de susto e das duas infelizes crianças.

As circunstâncias anormais como irrompera intencionalmente o incêndio trouxeram rápida a suspeita de um crime cruel e monstruoso. A observação concentra-se sobre um locatário ambicioso, os indícios comprometem-no e a prisão de António Fernandez, o «Faracolo», efectua-se. O detido tinha arrendado o primeiro andar do prédio incendiado e nele fizera um armazem de fazendas e rendas, estas últimas vendidas ambulante-



A multidão, contida pela Guarda Municipal, assiste ao pavoroso espectáculo

por alguns dos seus patrícios, jovens galegos pagos por uma tuta e meia. O armazem estava seguro em 17 contos, quantia relativamente importante em relação à época, que vai distante—vinte e cinco anos. Esses dezassete contos eram uma incógnita entre os corpos carbonizados dos vizinhos de Fernandez.

Os negócios do patrício de Cervantes não corriam muito bem. A indústria de rendas pouco valia. Talvez esses dezassete contos, guardados inactivamente nos cofres da companhia seguradora, lhe rasgassem o horizonte da vida. O maldito dinheiro alucina-o, e, de colaboração com um seu terrâneo, Leandro Gonzalez, um homem que gozava de muito crédito, nessa altura, em Lisboa, giza o plano macabro: as torneiras do gás ficariam abertas de noite, no armazem deixariam várias matérias inflamáveis a que uma pequena luz provocaria combustão, depois o incêndio e o salto dos dezassete contos da companhia para os bolsos dos criminosos.

O incêndio tomou, porém, proporções mais graves. É possível que não houvesse o propósito de roubar a vida a quinze pessoas. O interesse dos dois espanhóis fechava em círculo a cifra dos dezassete contos. Mas a fatalidade tornou-os dois miseráveis.

afastou-lhes a posse desse dinheiro e roubou impiedosamente a vida a D. Maria José Morgado, D. Júlia do Nascimento Barros, D. Maria da Conceição Bastos, Louis Philippe Franc, um cidadão francês que viera estudar para Portugal, Augusto Cesar, importante capitalista, a família israelita Salomão Barrou, composta deste, sua mulher Lúcia, seus filhos menores, Rafael e David, e afilhado Moisés, três bebés que bem cedo foram vítimas das ambições dos homens, a D. Ana de Jesus Machado, que morreu de susto, e as infelizes meninas Gilberta Pinheiro e Joana Nunes Costa.

Instruído o processo com a confissão dos incendiários, Leandro e Fernandez foram submetidos a julgamento. Alexandre Braga, mestre no foro, extraordinário talento, orador de raça, argumentador fluente, encarregou-se da defesa do primeiro. Figura de gigante na advocacia, «jongleur» da oratória, procurou com a sua argúcia afastar a intenção criminosa do seu constituinte para lhe diminuir a responsabilidade. Os fluídos da sua palavra não conseguiram incandescer os julgadores, e os dois incendiários foram condenados em 28 anos de prisão. Os portões da Penitenciária escancararam-se, e os dois espanhóis passaram a ser duas legendas do regime filadelfiano, com o capuz de negrada memória.

## A VAGA DO REMORSO

Na Morgue, outra legenda, traçada a negro pelos corpos carbonizados, esquecia para a eternidade. O incêndio da Madalena erguera um epitáfio no velho e carcomido edifício. Perpetuava-se ali, através aquelas ossadas enegrecidas, a memória de dois incendiários. Iam passados alguns anos e ainda se conservavam insepultos os restos mortais dos infelizes moradores do prédio da Rua da Madalena que o incêndio transformara em pedaços de carvão!

A cela da Penitenciária ocupada por Leandro não era mais do que um túmulo do Remorso. O incendiário pagava bem duramente a sua ambição. Nas noites prolongadas do inverno inclemente cruzavam os gritos do vento, vindos do interior, com os tivos do condenado. Aquelas quinze vítimas apareciam-lhe no silêncio da noite como visões espasmódicas. Ullava como uma fera batida pela vaga da fome. Tinha alucinações auditivas, parecendo-lhe ouvir, a todo o momento, os gritos das vítimas: Assassino! Na sua frente surgiam-lhe as figuras dos infelizes, de punhos cerrados, projectando, no fundo lóbrego da cela, atitudes ameaçadoras. E gritava como um louco, gritava sempre na aliação dos espasmos. A morte das quinze pessoas estava sendo bem expiada, a dor que abria caracteres fundos em muitos corações era terrivelmente vingada sob aquele capuz de penitenciário.

Fernandez, mais resignado ou com menos teatro, não exteriorizava tão intensa dor. Mais reservado, pagava sem grande aparato ruidoso o seu miserável desvaivamento. Fora ele o principal culpado da catástrofe. Nunca lhe passara pela memó-



Michel Vienchange, antes de partir, irradiando saúde, e no termo da viagem, poucas horas antes da sua morte

**Um moço de 25 anos que morre em benefício da Humanidade, após uma aventura heroica e fantástica.**

Os enxames de Ameais, Fregolis da Idade Média sob o carnavalismo da civilização que não lhes pertence, paguem, com esse *souteneur* de todos os sentimentos sagrados que se chama Leon Daudet (do sentimento filial, explorando, como um *maquereau*, o apelido glorioso do autor da *Sapho*, ao sentimento paternal, *chantageando* com a morte do próprio filho), que o século XIX foi o *trust* máximo da estupididade humana... Como se é, Daudet, e todos os Ameais não tornassem o século XX, só por essa sandice, no século mais vergonhoso da nossa era! Podia parecer que este comentário a pretexto do nome de Júlio Verne pretendia entronizá-lo entre os «imortais» da literatura, da beleza, da arte e da inteligência humana. Não! É! que o século XIX, para ser uma *étape* privilegiada em todos os aspectos, teve até um Verne — um profeta de fantasia plebeia mas cujas sugestões se aristocratizaram pelas maravilhas da realização que lhe devemos. Os primeiros



Louis Philippe Franc, uma das vítimas

ria a desgraça de quinze vidas. Sofreria até final naquela cela negra da Penitenciária e agonizaria ali se um perdão não lhe abrisse as portas da prisão.

O ministro da Justiça, sr. dr. Alexandre Braga, não esquecera o seu antigo constituinte. E incluiu Leandro e o seu companheiro num indulto. Os gonzos generam e os portões penitenciários deixaram escoar os dois incendiários, que se dirigiram a Espanha.

Leandro regressou à sua terra natal—Salamanca. Os clamores de indignação do povo português estrugiram violentos e chegaram até lá. Quando o incendiário voltou a pisar o solo natal, um am-

## Mártires modernos de Júlio Verne

frutos da obra desse Edison do folhetim — compêndio de liceu surgiram dos laboratórios, das oficinas de experiências, deram o submarino, o aeroplano, o dirigível, todos os prodígios modernos de electricidade, a T. S. F. e... Que nos acontem uma glória da ciência moderna que não tivesse nascido dum *disparate* de Verne. *un stupide* legitimo desse *stupide* século XIX — como lhe chamam os Ameaisinhos que são *netinhos* do *Daudetzinho*. Pigméus, linfáticos, escravos, gozadores voluptuosos do próprio vexame, bêbados viciosos do óleo de ricino — a ultrajarem uma fauna de gigantes sadios, fortes, livres e inteligentes! O mais pequeno é Verne — e Verne é... isto!

Os sábios comodistas esgotaram o programa de Verne no que essa bíblia de fantasias sagradas podia ser decifrada na tranqüilidade dos gabinetes e dos laboratórios. Agora esses sábios deram a vez aos mártires. Exemplo eloquente e comovedor é o de Michel Vienchange, cujo calvário, voluntário e heroico o *Vu* de Paris acaba de revelar ao mundo. Michel Vienchange era, há um ano, um jovem exuberante de saúde, praticante apaixonado de todos os *sports*, um predestinado moderno e físico (*passsez le mot*) do progresso da civilização. Trepidara nele a herança espiritual das fantasias de Verne, das viagens aventureiras em que se arrisca a vida em conquista de novos paraísos para a Humanidade. Na África existe um mistério intrigante uma região inédita, uma terra virgem para a civilização. Era o imenso deserto do «Rio del Oro», 1.200 quilómetros, entre Marrocos e a Mauritània. O jovem *sportman* pertencia ao século XX (ao nosso, não ao dos Ameais) e existia ainda um «branco» no «mapa-mundi», teimoso desde as éras em que quasi todos os continentes eram ignorados pelos europeus. Partiu, disfarçado; lutou; sofreu; mil vezes viu a morte, através da fome, da sede, do cansaço, do ódio, da traição, das febres, mas — heroico moco! — desvendou o mistério, coloriu a zona branca, possuiu o deserto virginal. Ao passar a fronteira do desconhecido, caiu, como uma estátua destronada. O jovem Apolo era quasi uma múmia. Chamou à pressa o seu irmão, que o aguardava no outro extremo, e já com o glu-glu do estertor a cantar na garganta, entregou-lhe o relatório, o diário da sua viagem maravilhosa e triunfante, e morreu depois! Que bela morte, a desse herói! Como os Bonapartes são pequenos em contraste com este bravo! Como os santos são pouco divinos ao lado desse canonizado pela sua obra civil!

Júlio Verne começa a ter os seus mártires...

biente de hostilidade quasi o repeliu. Repugnava a solidariedade com esse homem cruel, dir-se-ia que se receava o contacto com ele. Cobriram-no de injúrias, afastaram-no como um reptil. E só mercê de um fenómeno muito singular os seus patrícios não o castigaram rudemente. Ante aquele ambiente de repulsa, Leandro refugiou-se na Galiza, onde hoje goza uma sólida fortuna.

Fernandez vive igualmente em Espanha. Sem os dezassete contos que causaram uma catástrofe, conseguiu, no entanto, uma fortuna, não sabemos bem por que processo. Na sua vida como na de Leandro há uma mancha trágica—quinze mortos!

(Conclue na pag. 12)

# Um denso mistério

Uma carta de um detective — Uma rapariga enigmática — Uma epístola cifrada — As ansiedades de uma mãe — As suspeitas — Como se faz a felicidade dos lares honestos

*ARMANDO Costa, que os leitores possivelmente não conhecerão, é um homem activo, inteligente, que exerce com muito brilho e sem deslizes nem chantagens, como sucede com alguns dos seus colegas, a árdua profissão de detective particular. Conheçemo-lo há muitos anos. É homem de uma só palavra, incapaz de uma traição ou de uma mentira. Por isso não hesitamos em dar publicidade à carta que nos enviou, na qual faz revelações sensacionais sobre um acontecimento ocorrido num lar modesto de uma família de Lisboa.*

*Que Armando Costa, em nome da velha amizade que nos liga, nos perdõe a pequenina tração de lhe publicarmos a sua carta, sem sua licença:*

Meu querido amigo:

Como sabes a minha vida de *detective* particular dava matéria para fazer um grande romance de aventuras. Que coisas espantosas eu tenho sabido desde que exerço esta profissão! Pais que perseguem os filhos, esposas que vigiam os maridos infieis, maridos que envenenam as mulheres para lhes apanharem a fortuna, pessoas atiradas para os manicómos sem estarem loucas, enfim, um rosário infinito de pequenas infâmias que são a expressão da dissolução, da decadência da nossa época tem sido desfiado pelas minhas mãos.

## UMA VISITA INESPERADA

Há dias, procurei-me uma senhora dos seus quarenta e cinco bem puxados, D. Ernestina da Silva, viúva de um antigo funcionário público, para que eu desvendasse o mistério que envolvia sua filha Ivonne, de 18 anos, dactilógrafa e bonita.

Em que se fundamentava aquela boa senhora para desconfiar da filha e pedir a minha intervenção? Ela explicou: Ivonne fôra educada com muito carinho e recato. Não parecia uma rapariga da nossa época. Só as dificuldades criadas pela morte do pai a obrigaram a sair todos os dias do seu lar para exercer a profissão de dactilógrafa num importante estabelecimento comercial de Lisboa. Havia um ano que a sua vida era de uma regularidade matemática: saía de casa às nove e meia para o escritório e regressava às cinco e meia para jantar, não voltando a sair. Há uma temporada, porém, algo a transtornou. Sua mãe lia-lhe no rosto uma nova expressão, como se uma ansiedade ou uma ideia fixa, obstinada, a galvanizasse. Demonstrava-se no regresso do escritório, escrevia epístolas que ocultava cuidadosamente, andava num alvoroço constante, rebuscando qualquer coisa nas páginas dos jornais, recebendo cartas que guardava não se sabia onde.

## UMA CARTA ENIGMÁTICA

Alarmada com estas atitudes, D. Ernestina interrogou-a. Mas não obtinha uma resposta positiva. Dizia sempre que nada de anormal se passava, que não tinha namoro, como sua mãe uma vez lhe insinuára. Um dia, durante a sua ausência, o correio trouxe uma carta. D. Ernestina, que fôra sempre muito leal e dedicada para sua filha, não resistiu à tentação de abri-la. E o seu conteúdo misterioso é que decidiu a pobre senhora a procurar-me. Vou reproduzir aqui a carta, que deve deixar-te igualmente intrigado:

Porto, 10 de Outubro de 1931

Minha Senhora:

*Encontrei, à custa de muito trabalho, depois de percorrer todo o Norte, o 5, em bom estado,*



*Ivonne e D. Ernestina consultam o mapa de Portugal*

*o 8 e o 22. Quanto ao 12 e 14, que me pediu com tanta insistência para procurar, não os encontrei. Suponho que estejam ainda em Lisboa e que só mais tarde venham para o Norte. Procure-os você aí e diga-me qualquer coisa para eu me orientar. Espero que os nossos esforços não de ser coroados de êxito.*

*Aguarda suas notícias o que se subscreve, etc.*

Francisco Esteves

Realmente havia qualquer mistério. Que se tratava de negócios de escravatura branca, foi a minha primeira suspeita, visto os agentes deste repugante negócio, que percorrerem as províncias, empregarem muitas vezes algarismos para ocultar nomes. Mas Ivonne é uma rapariga honestíssima e ignora estas baixezas da vida. A hipótese de um namoro estava absolutamente arredada, porque a linguagem da carta era demasiado prosaica. Ficava de pé uma outra hipótese: uma conspiração

política. Mas Ivonne era indiferente a regímenes ou partidos.

O mistério apresentava-se denso, quasi impenetrável. Pus-me em campo. Espiei os passos da rapariga. Descobri porque ela se demorava no regresso a casa. Durante uma semana foi três vezes a um primeiro andar da Rua José Estevão. Investiguei quem lá morava: uma família honestíssima. Também costumava ir muitas vezes a uma casa da Rua Luiz de Camões, a Alcantara. As investigações deram também a existência ali de uma gente de moralidade sem mancha.

Por fim fez-se luz. Procurei Ivonne à saída do escritório. Disse-lhe que a mãe andava em cuidados, que receava das suas atitudes enigmáticas e que tais comoções podiam ser-lhe fatais, visto sofrer de lesão cardíaca muito adiantada.

Então, Ivonne, com as lágrimas nos olhos, revelou-me tudo:

— «As minhas atitudes, as minhas ansiedades, que tanto intrigam minha mãe, occultam uma ideia generosa. Somos pobres, ela é doente e precisa de tratar-se e não temos dinheiro. Vive em aflições para ocorrer a todos os gastos da casa. Pensei então fazer-lhe uma surpresa. Como sabe, o formidável concurso da Sociedade Nacional de Fósforos, entre inúmeros e valiosos prémios de grande utilidade, dá um — o primeiro prémio — à pessoa que primeiro apresentar, na sede da Sociedade, o mapa de Portugal preenchido com as etiquetas das caixas *Pátria*. Esse prémio é de cinco contos. Pensei em alcançá-lo. Mas como queria fazer surpresa a minha mãe, nada lhe disse das minhas intenções. A carta que ela me apanhou é de um antigo empregado do escritório onde estou empregada, que hoje é caixeiro viajante no Norte. Pedi-lhe para ele me obter na provincia os números que me faltavam, e ele, gentil, conhecedor das minhas intenções, tem sido incansável, remetendo-lhe eu, em troca, os números que lhe faltavam. As famílias das ruas José Estevão e Luiz de Camões são pessoas que se prontificaram a ajudar-me nesta cruzada».

Estava tudo explicado. D. Ernestina, uma vez esclarecida toda a verdade, ficou louca de contentamento e o seu amor pela filha redobrou. E, para cúmulo de felicidade, o sr. Francisco Esteves, sabedor daquêlles sarilho, achou-lhe graça e escreveu a D. Ernestina pedindo-lhe Ivonne em casamento, o que foi prontamente concedido.

Ai tens tu, meu caro amigo, como a Sociedade Nacional de Fósforos, com o seu concurso formidável das caixas *Pátria*, consegue levar a felicidade aos lares humildes e honestos.

Ten muito certo,  
ARMANDO COSTA

## T S F... X

E O CINEMA? — ROGER DE LEON E O «CHAUFFEUR» DE GINA PALERMO — OS «METTEURS-EN-SCÈNE» IMPROVISADOS — COMO ÊLES SE FAZEM E ONDE APRENDERAM A ARTE — O SR. LOPES, A SENHORA D. MARIA HELENA E O ROMÃO DA «SEVERA» — MAIS REVELAÇÕES DE TEATRO.

ROGER de Leon, *metteur-en-scène* cinematográfico francês, que esteve em Portugal a filmar *A Sereia de Pedra e Os olhos da alma*, mediocre como tantos (e se não o fôsse não vinha a um país como o nosso sujeitar-se ao que se sujeitou) e afamado em França pelos seus «tiros» aos capitalistas (foi o último explorador de Sessue Hayakawa, quando este, depois de perder toda a fortuna em Monaco, ao jogo, a seguir ao filme *La Bataille*, se viu sem contratos na América, sendo então aproveitado por Roger de Leon, que iludiu a pobre viúva Menier em 2 milhões de francos que se fundiram na película *L'Homme qui a tué*, a última em que o célebre japonês entrou, passando por «suicida» no regresso da América para reclamo de uma série de representações em *musée-hall*, Roger de Leon, como já vimos dizendo, contou-nos uma vez, em Paris, o seguinte episódio: «Estava eu filmando *Le clate de voûte*, nos *studios* de Joinville, quando raro era o dia em que o porteiro não me vinha pedir licença para que o *chauffeur* do *taxi* que conduzia Gina Palermo — heroína do drama — assistisse à *mise-en-scène*. «O senhor perdoe-me este abuso — dizia-me o *chauffeur* — mas eu nunca vi fazer fitas e estou cheio de curiosidade de saber como é que elas se fazem.» Já se vê que dava licença, e o rapaz — era um rapaz ainda, muito humilde, *palaço*, ignorante, fazendo perguntas absolutamente, saloias a propósito de tudo — ficava, segundo a sua própria expressão, COM OS OLHOS BQUIABERTOS ante o que via... Acabou-se o *clate de voûte*, comecei o *Chasseur chez Maxim's*, com Rimsky, e o *chauffeur* de Gina Palermo desapareceu com a freguesa. A certa altura, quando ia e voltava do *studio*, reparei na existência de um prédiozito modesto da Rua de Villiers — que ficava a caminho de minha casa —, cuja tabuleta era já notável por si: «Escola Cinematográfica — Completam-se artistas e *metteurs-en-scène*, em 3 lições. Director: Yvan P... experimentado realizador.» A porta do dito prédio havia sempre um formigueiro de jovens — caixeiros, modistas, dactilógrafas, empregados de escritório, que se agrupavam, entravam e saíam. Um dia tive a curiosidade de visitar aquela cátedra de filme... Qual não foi o meu espanto ao dar com o *chauffeur* de Gina Palermo, aquele papalvo analfabeto e sobretudo ignorante de cinema, que um mês antes me pedia licença para vêr «como se faziam fitas», e que parecia, no *studio*, um garoto a olhar magnetizado para um charlatão de feira. Pois bem: o *chauffeur-professor* — ouvi-o eu! — berrava para os alunos: «Não é assim... Pensem bem na importância deste ângulo! Olhem que é um ângulo que estamos a ensaiar! Agora é um *gros plan!*» Já se vê que quando falava em ângulos agia como se fosse um conjunto; e como se fosse um conjunto quando evocava um *gros-plan!*

A história verdadeira que Roger de Leon nos contou em Paris está-se multiplicando ridiculamente em Portugal. Raro é o mês em que não nos surge um *metteur-en-scène* nacional. Onde, como, com quem aprendeu — ignora-se. E' *metteur-en-scène* como os reis ou como os papas — por divina vontade ou por eleição de uma dúzia de cardeais da sua força. Fulano vai realizar um filme. Beltrano tem 800 contos para filmar uma película... E fica-se atontado, apalermado, sem se saber o que devemos admirar mais: se o impudor ou a estupidez dos Fulanos ou Beltranos, se a papalvice de quem os reclama ou se o espírito suicida de quem lhes dá o capital.

Em todas as artes exige-se vocação e técnica. A vocação sem técnica dá, em alguns, o amador, o «Simões Carneiro». Da técnica sem vocação, chega-se muitas vezes a obras brilhantes — embora artificiais. Mas em cinematografia, antes de mais nada, é preciso teoria, muita e boa. Onde é que esses improvisados Griffiths aprenderam o seu *métier*? Em todos os países onde existe cinematografia — um *metteur-en-scène* que, já pelo meio, nasce embebido nos segredos da arte, começa por *regisseur* de última classe; passa meses e meses nos *studios* às ordens dos *assistentes*; a seguir, depois de se evidenciar, chega a *assistant* e como *assistant*, revelando-se uma vocação (nessa altura é que a vocação marca), é que que lhe consentem uma filmagem sob a sua responsabilidade — mas sempre de pouca monta, como experiência. Da mesma forma que não é possível haver um médico de um dia para o outro, sem muito corte de cadáveres, sem muita noite perdida a enfrascar-se nos compêndios de anatomia, sem muita experiência de hospital — não é possível realizar, não digo um filme mas uma só cena, sem ter visto sequer o que é um *studio*, o que é uma filmagem. Uma vez discutimos com alguém as probabilidades de ser ou não ser exibido (não foi, nem na província!) um filme feito por um *improvisado*. Argumentava o nosso antagonista: «O rapaz é esperto, lê muita revista de cinema e vai todas as noites ao Tivoli e ao S. Luiz.» Na sua opinião bastava ler os reclamos e os exageros dos jornais cinematográficos (que são os primeiros a ocultar as verdades e a exagerar os factos — e que não fossem) e vêr os filmes... já feitos — para se saber como se fazem filmes. Era como se um leitor assíduo da secção musical do *Diário de Notícias*, freqüentador infalível dos concertos, fosse capaz de competir com Beethoven — só pelo facto de ler e ouvir... Isto já não é infantil! E' estupidez, impudor, falta de respeito... E' como se um nosso filho pequeno nos dissesse: «Papá: dê-me vinte contos para eu comprar um «auto» e ir passear, guiando-o.»

«Mas tu sabes guiar um «auto», pequeno?» — «Ora essa... Então não os vejo passar todos os dias quando estou à janela?!» Se fôssemos da força desses cavalheiros dávamos os vinte contos e o petiz comprava um «auto», subia ao volante e... E o que sucedia depois? O que sucedeu com todos — salvo raríssimas excepções, duas ou três (mas estas... porque seguiram o caminho lógico) — os filmes feitos por realizadores nacionais.

O sr. Lopes, felizes admirável cavaleiro tauromáquico, a quem o Leito de Barros — gravíssimo erro, o maior: — deu um papel na *Severa* — e logo o de protagonista —, quando no *O-Film* de Bucarest não seria nem figurante por falta absoluta de todas as qualidades para o cinema, que provou ser a maior negação para a cinematografia, que provou não perceber, nem elementarmente, o que é um filme, logo a seguir... apareceu-nos como *realizador!* D. Maria Helena, artista de teatro bastante notável, que se viu algum *studio* foi no «Invicta» do Porto, quando este, vazio e deserto, ameaçava ruína; que nunca viu como se trabalha num filme, que nem pela idade nem... por coisa alguma podia começar nesta arte a não ser por uma rabulazinha — começou-a... como realizadora — e de grandes conjuntos!!! Um amador — que parece ter alguma habilidade (não houve espaço no *Romão*, da *Severa*, para o apreciar, o que se faria no oitavo ou décimo filme e então se poderia dizer se era ou não artista de cinema) —, fez uma película e — zaz!... — logo realizador doutro filme — êle só, por sua conta! Quem os ensinou, quem foram os mestres, quantos anos estiveram a aprender os infinitos e subtis mistérios da arte? Mas isto que importância tem? Lêem o *Cinefilo*, vão ao cinema, freqüentam certos «cafés» — e isto basta para se doutorarem... *honoris causa* ou *deshonoris causa*, como diriam eles, coitados...

Repugna — e mais repugnaré áqueles que estudam, que foram vêr, que aprenderam, que começaram logicamente por onde deviam começar e que só empreenderam a *mise-en-scène* quando, com honra e vergonha, deviam fazê-lo.

E admiram-se de que em Portugal não exista nem sombra de possibilidade de cinematografia portuguesa. Não é por falta de *metteurs-en-scène*... expontâneos... E alguns com 800 contos de capital...

(Continua na pag. 13)

## Um mal universal

O problema dos desempregados é hoje a questão dominante em todo o mundo. A fome, a negra miséria e a conseqüente corrupção alastram como um dilúvio universal. A América conta milhões de *chômeurs*, a Inglaterra idem e a Alemanha não lhe fica atrás com o seu cortejo de 4 milhões de vitimas.

Todos os países fazem um esforço financeiro enorme para socorrer os desempregados. Mas o mal alastra e ameaça assumir gigantescas proporções. Uma jornalista alemã fez em Berlim um inquérito sobre o problema do desemprego e apurou coisas espantosas. Segundo as estatísticas da Prefeitura da Polícia, 60% dos roubos cometidos em Berlim não são obra de gatunos profissionais, mas de desempregados.



A inscrição de desempregados em um bairro de New York

Uma das características mais conflagradas e perigosas do desemprego na Alemanha é a corrupção masculina. Milhares de desempregados entregam-se, forçados pela fome, à exploração de taras e vícios de homens ricos.

Parece-nos que depois das pestes da Idade Média ainda não houve desgraça universal tão grande como a crise de emprego. Pior do que a guerra, porque é silenciosa e oculta-se, envergonhado, o desemprego pode causar maiores estragos.

# O incêndio da Madalena

(Continuação da pag. 9)

## DA PERSONAGEM DO «NICOLA» AO SOTÃO ANATÓMICO

— O melhor talvez os senhores não conheçam: ainda não foram enterradas todas as vítimas do incêndio!

O «Nicola», áquela hora de bulício, estava inundado de fregueza. Quando a personagem de bigodes grisalhos e rugas no rosto em forma de largos leques fez esta revelação, os circunstantes pareciam erguer-se das cadeiras como movidos por uma estranha mola automática.

A narrativa do incêndio causara calafrios, e a evocação dessa catástrofe construiu, no fundo imaginativo dos frequentadores do «Nicola» a pirâmide de todas as ambições que têm determinado milhares de mortes, vidas preciosas que se perderam, ou carbonizadas por dezassete contos ou devoradas por algumas moedas.

Completara a narrativa do incêndio a revelação de que se conservavam ainda distantes do cemitério as ossadas das vítimas.

O jornalista, que tinha acompanhado interessado, numa atitude discreta, a evocação da tragédia, iniciou as pesquisas necessárias para a descoberta das ossadas, missão certamente mais fácil do que estabelecer com precisão quais as figuras das tábuas de Nuno Gonçalves.

Sabia-se que o Conselheiro Silva Amado não ordenara a remoção das ossadas para o cemitério. E o seu sucessor na direcção da Morgue, o dr. Azevedo Neves, quando das obras do novo edifício para aquele estabelecimento científico, mandara os mesmos ossos, metidos em caixotes, para o edifício da Faculdade de Medicina. Ali estiveram em várias dependências — excepto, é claro, na Sala dos Restos ou no Museu — e desprezivelmente acabaram por ser arremessados para o lugar das coisas inúteis. Como fixar a objectiva, *kodakizando* esses caixotes?

A figura austera de Sousa Martins impede o ingresso do jornalista na Faculdade de Medicina.

Muitas atenções, amabilidades a jorras, mas os escaninhos da Escola Médica não poderiam ser devassados pela indiscreção do «reporter». Era forçoso caminhar. As salas fechavam-se à curiosidade jornalística.

Uma escada estreita, sôbre os anfiteatros, con-

duz a uma porta que parece um tapume. A chave imperceptível da imaginação faz correr a fechadura e aparece-nos a cúpula do edifício fechada por travejamento e coberta por telha marselhesa. A' direita um depósito de água, em zinco, pintado a vermelho, parece como que o sangue das vítimas da catástrofe. A' esquerda, uma pilha de caixotes, aparentemente novos, com frascos. Escondidos, muito para trás, quasi sob o péso do telhado, uns pequenos caixotes negros, cobertos pelo lixo de muitos anos. Conservam ainda umas etiquetas em papel. Mas a tentativa de observação, limpando-os com uma improvisada vassoura, destroi-os. Impossível a identificação. Ao lado, pedaços de azulejo que deveriam ter sido brancos, ripas de madeira caruncho-sa, resíduos de materiais de construção, sob um ambiente de teias de aranha e o odor de desinfectantes.

Aqueles pequenos caixotes negros, desprezivelmente arrumados no improvisado sótão anatómico, são uma legenda do incêndio da Madalena e uma triste recordação das suas vítimas. Dentro deles guardam-se os ossos que puderam ser recolhidos das doze pessoas que ficaram carbonizadas no incêndio. Esses caixotes esteriotipam ainda o desmazelo ou o descuido das entidades que os deviam ter mandado enterrar.

Nem pode entrar em linha de justificação desse descuido o propósito de conservar na Faculdade de Medicina essas ossadas. A Faculdade tem um museu que guarda outros ossos. Se quisessem que eles figurassem nesse museu não estariam no sótão, que mais parece um depósito de sucatas, dentro de caixotes negros, ocultos ao estudo dos alunos e à observação dos visitantes.

Os restos mortais dessas pobres vítimas da ambição de dois negociantes sem escrúpulos e do fogo devorador, vinte e cinco anos depois da catástrofe, ainda não lograram dormir o sono eterno em paz — andam aos trambolhões, pelos sótãos, entre pedaços de azulejo velho e barotes de pinho.

A infelicidade das pobres vítimas prolongou-se para além da morte.

ALFREDO MARQUES



Gilberta Pinheiro, que se precipitou do 5.º andar

## Mais um escândalo...

COMO UM MÉDICO, UM INDUSTRIAL E UM BANQUEIRO CONQUISTARAM SECRETAMENTE UMA FORTUNA GRAÇAS A UMA ESCAMOTEIÇÃO DE QUE FORAM VÍTIMAS TRÊS CONHECIDOS HÓMENS DE TEATRO

EXISTEM casos que, pelo seu travo original e pela extravagância do seu recorte, parecem marcados por «made in America»... Daí o nosso pasmo ou incredulidade quando se desenrolam na estreiteza do nosso meio, tão pouco propício à novidade berrante e ao ineditismo pitoresco. Este que vamos narrar pertence a essa categoria e merece, de facto, registo jornalístico...

Constou-nos, há dias, que se tentava abafar com mordças inconfessáveis um magnífico escândalo cujos tentáculos enroscavam gente de teatro e da mais emoldurada em luzes — um industrial de marca dourada, um banqueiro da real federação financeira da Rua dos Capelistas e um clínico afamado. A blindagem de silêncio com que se defendia este *affaire* não nos permitiu radiografar, ao princípio, senão um ligeiro gráfico da questão... Soubemos que a gente de teatro surpreendera os outros indivíduos numa conjura gananciosa mas ilegítimamente prejudicial aos interesses dos primeiros, estando estes dispostos a perseguir enérgicamente os segundos, a impedi-los de prosseguir nos seus intentos, a obrigá-los a restituir a Cesar o

que era de Cesar, tendo sido já nomeado um advogado ilustre. Aguçámos mais a pupila e o ouvido — e a revelação completa do mistério fez-se. Ei-la...:

A ideia, ao que parece, surgiu do clínico, o dr. Z...; e como este, sozinho, não podia realizá-la, fez sociedade com o industrial Y... — financiando o negócio o banqueiro W.... O negócio prometia enriquecê-los em breve prazo — quando as vítimas o interromperam. Alguns artistas e outros trabalhadores do Teatro Maria Vitória tinham notado, nas últimas noites, uns espectadores suspeitos, infalíveis nas duas sessões, com monopólio de uma frisa *d'avant-scène*, que durante toda a representação levavam a tomar apontamentos, a cochichar segredos, num ar sisudo de deputados em véspera de queda ministerial, e que nos intervalos, sem objectivo visível, invadiam o palco, sirandavam pelos bastidores, como que estudando ou procurando fôsse o que fôsse. As suspeitas agravaram-se quando o ponto deu pela falta do manuscrito da peça — que lhe fôra escamoteada do escritório, de madrugada e com uso de chaves falsas. Os autores e empresários começaram a vigiar os indivíduos em questão, não tardando em apurar-se a verdade. Os cavalheiros estavam fabricando as escondidas e em grande quantidade, num prédio alugado para as bandas de Alcântara, uma nova especialidade farmacêutica, de efeitos milagrosos, ou seja de cura quasi fulminante em todos os casos graves de neuraenia aguda, de perturbação nervosa e psíquica e até de alienação mental em período inicial. O segredo desse produto, acondicionado em pilulas e fornecido em tubos luxuosamente embalados, era nada mais nada menos do que a revista *Nau Catrineta*, em cena no Maria Vitória, a mais graciosa, estilizada, moderna, original e divertida de todas as revistas — e que eles tinham encontrado a fórmula química de a servirem em porções sintéticas, produzindo no organismo, pela assimilação, o mesmo efeito benéfico, de alegria instantânea, de imediato optimismo, de esplêndido bom humor, de cura rápida de todas as tristezas, dores, desgostos, perturbações nervosas ou psíquicas, do que quando vista e escutada no palco, com toda a sumptuosidade da sua *mise-en-scène* nababesca. O médico, associado ao negócio, receitava a *Nau Catrineta* sintética; o industrial fabricava as pilulas; o banqueiro capitalizava a empresa. Rápidamente a fama do produto se espalhou, havendo já milhares de êxitos registados não só na província como na capital, e do próprio estrangeiro começaram a chover pedidos. Mas o que não é justo é que estes indivíduos se enriquecessem *à la minute* escamoteando a matéria prima aos seus legítimos inventores — que são os autores da *Nau Catrineta* —, e daí o processo que estes lhes moveram e que devem vencer.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

R. do Amparo, 51 — LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

Sempre sortes grandes!!

O material Pilot é a garantia da nitidez nas audições radiofónicas e adquire-se na

HERTZIANNA, L.ª

Telefone T. 1217 STUDIO-N. 904

RUA AUGUSTA, 250

TSF...

X

Homens &  
Factos do Dia

(Continuação da pag. 11)

(Continuação da pag. 3)

Que país! E dizem que os saloios vivem só nos arredores de Lisboa!

Que filme cómico não se faria com estes cavalheiros. E depois o «Reporter X» é mau...

Há 15 anos, quando o cinema andava no berço e a arte não tinha labirintos, apareceram em França, em Espanha, em Itália, uns improvisados. Mas foram logo corridos. Até se fizeram farsas, livros, caricaturas, a chacotear com eles. Recordamos, por exemplo: *Mi Colon*, de Muñoz Seca, que se desenrolava em redor... de um «improvisado» desta força, que queria, nas águas-furtadas de sua casa, filmar a *Vida do descobridor da América*... O Atlântico era a banheira dos pés...

Há poucas horas encontramos um homem de teatro — actor, autor... o que calha. — «De que vives agora?» — perguntámos. — «De ser roubado» — respondeu-nos. E ante o nosso pasmo, explicou-nos: «Eu perdia noites a escrever peças; entregava-as; pilhavam-me as ideias — quadros inteiros; devolviam-me o original e pouco depois apareciam no cartaz... com outros nomes e tempêro. Resiguei-me e por fim revoltei-me. Agora — exploro o próprio roubo. Deixo que eles me escamoteiem as cenas; deixo-as ensaiar; na véspera do ensaio apareço com testemunhas... e, para não haver escândalo, fixam-me uns direitos novos — os direitos do «Senhor roubado». Viste a revista «...»? E' quasi toda minha. Dão-me cinquenta escudos. Melhor do que coisa alguma... Antigamente era roubado... e nada! Hoje sou roubado e mal pago — mas pago, apesar de tudo... O pior é que somos muitos! Daqui a pouco os direitos deles (dos escamoteadores) não chegam para nós pagar a nós (os escamoteados).»

E se soubessem quem êles são...  
Ai! Teatro, Teatro! Para te salvar — bastava uma apoteose da Verdade — com cenário de Luiz Salvador e prosa da «T. S. F.... X».

ou sômos maus de nascença, como a massa colectiva ou tendentes a sê-lo, ao menor impulso, pela vida adiante, como o papá colectivo — não o podemos negar. E como se explica — perguntam os leitores — que entre aqueles que não são criminosos sem máscara só uns pequenos e os outros resistam? E' que, meus senhores, o homem orienta os seus actos por uma única bússola; e nessa bússola só existem dois pontos: o medo material e o medo moral; e receio dos outros homens, que vai do escândalo, da desconsideração alheia até ao carrasco, passando pela polícia e pelos juizes (que são os menos numerosos, os excepcionais, embora pareça o contrário) e os que se temem a si próprios, ou seja a consciência. Estes últimos subdividem-se em vários grupos: Os que temem a consciência na forma oleográfica do Inferno, com caldeirões, tridentes, e mil satanazes a traquinarem com eles e a abanarem ao lume ou a beliscarem-nos as carnes nuas; os que temem a consciência, porque adivinham que ela os torturaria, nuns remorsos pior do que todos os infernos, pela vida fora; e os que temem a consciência, não pela covardia da dor, mas pela nobreza de si próprios, pela alta noção dos seus deveres humanos, porque atingiram aquela perfeição ideal que aproxima os homens de Deus e que significa não fazer o mal por dever do bem, por sentimento de que os outros e nós sômos partículas só aparentemente dispersas do mesmo corpo e que, portanto, ferir os outros é como nos ferirmos a nós próprios...

Mas êstes são poucos. A consciência humana, dinamo de toda a vida, base da ventura ou desventura de todos nós, sofreu um erro tremendo. A consciência humana foi contagiada duma enfermidade terrível. A culpa foi daqueles que, erradamente (sou generoso ou... justo: digo erradamente e não maldosamente) estran-gularem a consciência humana, na sofreguidão

de se apossarem de todas as consciências, como um avaro arrebanhando todo o ouro...; e depois de se apossarem delas para melhor as dominarem à sua vontade e em vez de as tornarem mais livres, mais puras, mais conscienciosas, rechearam-nas, artificial e sacrilegamente, com temores de castigos sobrenaturais, só visíveis e portanto sensíveis nos períodos de ignorância em que a Humanidade, nas suas grandes massas, não tinha mais espirito nem mais luz do que as crianças... Pouco a pouco foi amanhecendo a razão; e nós, logo aos primeiros raios do sol; outros, quando o sol atingiu o «zenith», olharam para os infernos que lhes tinham imposto e viram que as labaredas eram de papel pintado, que a água dos caldeirões era tépida, que os satanazes não passavam de bonecos de corda. E ritam-se e pensaram que, não havendo inferno — só um perigo os ameaça: o perigo material e exterior. E entre êsse — lá estava o sistema... de assassinar a grande distância: a eterna campanha do mandarim.

Mas felizmente a humanidade está reconquistando a sua consciência — a verdadeira, a pura, a que não teme os infernos, a que nem sequer teme os remorsos — porque não deixa de cometer as faltas que os podia provocar. Que sim — essa é a consciência que Deus deu aos homens, ao criá-los; essa é a consciência que é preciso cultivar, como se cultivam as religiões; essa é a consciência que falta aos criminosos desta semana.

REPORTER X

## Quem envenenou o «Pepe»?

(Continuação da pag. 6)

comprado no estabelecimento do sr. Manuel Baptista? Mesmo que aceitássemos, como verosímil, a hipótese aventada em Alcântara de que alguém envenenou êsse pão, que razões nos podem vencer do facto da família de «Pepe» também ter sido vítima não tendo comido êsse pão?

Se conduzirmos o raciocínio através o acontecimento, tirando dêle as ilações necessárias, somos levados à conclusão de que a maior dose de veneno se agregou ao pedaço de chouriço e que êste, cozinhado, largou algumas substâncias nocivas que vitimaram a mãe e os irmãos de «Pepe». Como foram o popular jogador e a gata que comeram aquele género, a morte foi inevitável.

Mas seria possível que o merceiro apenas naquelas sessenta gramas de chouriço tivesse a porção de veneno suficiente para produzir a morte de «Pepe»?

Paulitos, hábil agente até agora no segredo da investigação, parece estar no cacifo que guarda o cadáver — na mais absoluta reserva. Sorri, pede que aguardem o resultado do exame e nada mais. E' possível mesmo que não tenha uma opinião segura.

Contudo, a morte fulminante de «Pepe» não deixa de ser atribuída a um crime, e Paulitos vai ser forçado a rasgar o véu do mistério que a envolve.

A. M.

## Inéditas e sensacionais reportagens

Quem era Texas Jack na vida real? E Buffalo Bill? E todos êsses exploradores famosos do Far-West, pioneiros da civilização americana cujas aventuras, perigos, batalhas ultrapassam em emoção e em imprevisto os romances mais fantásticos?

Todos nós, na mocidade, deliramos ao lêr as novelas heroificadas por êsses caçadores de búfalos e terror dos peles vermelhas, mas no fundo não acreditamos na realidade humana dessas personagens. E contudo elas existiram, o povo americano ergueu estátuas à sua memória, os historiadores descrevem-nas e glorificam-nas, os turistas podem visitar os lugares onde nasceram, onde viveram, onde dormem o sono eterno.

O Reporter X, cumprindo sempre, orgulhosamente, a sua missão de semanário das grandes reportagens, vai começar brevemente a publicar as biografias autênticas, reais, dêsses heróis

Texas Jack,

Buffalo Bill, etc.

adquirindo os direitos do seu mais notável historiador.

Brevemente

AZEITE

SANTA CRUZ

O melhor para mesa

RUA DO ALMADA, 179-1.º

TELEPHONE 4697 — PORTO

# O fim duma imensa fortuna...

**N**O sábado passado, aquela face de Lisboa, que é como a epiderme nua e sensível a todas as brisas, a Lisboa dos que vivem em dia com o presente e amalharam, em síntese, todo o passado que viveram, se crispou, num arripio feito de tristeza e de melancolia, algo que lhe produziu na alma a mesma tortura que uma unha riscada numa parede produz na pele...

...Constituiu em certos «cafés», em certas tertúlias, em certas ruas e avenidas, não em todas mas só naquelas em que passam esses indivíduos, *gourmets* da curiosidade, que perscrutam tudo o que é interessante, dominados pela simpatia, pela ternura, pela saudade, e muitas vezes pela antipatia, mas só quando é legítimo antipatizar... O boato que rabiava por esses *cercles* referia-se a um «nome», sem outra glória do que a da popularidade, sem outra aristocracia do que a do Destino, sem outra ilustração do que a da «queda» sorridente que os outros tinham por ele... E simultaneamente aos zigzagues desse «on-dit» e aos comentários magoados que provocavam, numa das mais centrais artérias de Lisboa desbobinava-se o folhetim que era a matéria prima do escândalo, paradoxalmente descrito, que apaixonava a cidade...

...Uns minutos antes das duas da tarde, no início da Rua do Alecrim, esse *water-chut* do «Luna-Park» alfacinha, em que os «eléctricos», rodando em vertigem, pareciam projectar-se, lá em baixo, nas águas do Tejo, começou a coagular-se uma multidão curiosa no passeio que margina um dos casebres apaçoados da artéria e que enfrenta a estátua de Eça de Queiroz...

*Sob o manto didjano da fantasia,  
A nudez forte da verdade...*

Quem olhasse para as linhas sóbrias do palacete e para as janelas misteriosamente fechadas, fantasiava pela certa, um paraíso de ricos, em fôlta ventura de todas as horas, por detrás daquelas pa-

redes... Quem seguisse aquele grupo de sujeitos graves, trajando num tom sombrio quasi sinistro, que o invadiram e se instalaram no *hall*, depressa concluiria que sob o manto da fantasia, por muito doirado que seja, se ocultam por vezes verdades fortes, mas mui dolorosas...

O palacete em questão é conhecido pela cidade inteira pelo apêdo de «Casa do Monteiro dos Milhões»; os indivíduos que para lá entraram representavam a Justiça e iam executar uma tremenda missão...

O «Monteiro dos Milhões» foi um dos tipos mais característicos e populares da Lisboa *ancien regime*, da Lisboa do Chiado, de S. Carlos, do rei D. Carlos e talvez do rei D. Luiz. Partira muito novo para o Brasil, em princípios do século passado, à busca da sombra milagrosa da árvore das patacas, e à força de inteligência e de trabalhos, e provavelmente de influência divina, a fortuna, feita dum golpe, cresceu, multiplicou-se, aumentou até alcançar proporções nababescas. A lenda tomou conta dele... Chamavam-lhe o... «Monteiro dos Milhões», dizendo-se que a própria alimentação se lhe transformava, por uma misteriosa metamorfose operada no seu aparelho digestivo, em ouro, em muito ouro. Afirmava-se que a cada movimento dos ponteiros as suas riquezas lhe rendiam contos de reis... O seu palácio de Sintra era afamado... Mas ele, sóbrio, discreto, *bon bourgeois*, fazendo uma existência cômoda e suave, frequentando S. Carlos e comprando quadros, era pouco atreito a ostentações e exibicionismos. Talvez gostasse, mas todos os plebeus enriquecidos, de pa-



A casa do «Monteiro dos Milhões», no Largo Barão de Quintela

vonear fidalguia... Talvez... Assim se supunha.

Conta-se que quando, em 1900, inauguraram, frente ao seu palacete do Alecrim, a estátua de Eça de Queiroz e a admirável nudez da sua mármorea verdade, ele protestou, indignado, numa cólera de «bota de elástico» ferido no seu falso pudor, jurando que nunca mais abriria as janelas do lado do Quintela, para que as faces de sua esposa ou de sua filha não se escarlatessem ante a surpresa de tal «indécência»... É esta a única *gaffe* menos lisongeira que lhe conhecemos...

Sua filha e sua herdeira, uma senhora da máxima distinção, casou e teve também uma filha, neta portanto do «Monteiro dos Milhões»... Um idílio, um casamento... O jovem (cujo pai está ausente e que já sofrera os horrores de uma morte-civil — a interdição que conseguiu apaixonar o seu coração virginal era também herdeiro, mas a sua herança estava limitada à glória do nome: descendia do Marquês de Pombal...

Não queremos profundar as razões íntimas do facto... A enorme fortuna acumulada pelo velho Monteiro foi-se diluindo, esfaleando, rapidamente, como um castelo amassado em areia e assoprado por um temporal... O epíteto foi sabido, às duas horas da tarde... A Justiça... Uma execução fiscal... O leilão do recheio do palacete da Rua do Alecrim... Alguns curiosos, já prevenidos uns, pasmados outros... Abre-se a praça... Um ferro-velho solta um lança... vergonhoso: «Cinco contos». Cinco contos por todo o recheio do palácio do «Monteiro dos Milhões»! E logo outra voz se ergueu causando surpresa, admiração e incredulidade: «Oitenta contos!» Não foi só a disparidade do lança, avançando dum salto de cinco para oitenta! Foi sobretudo a pessoa que o fez... Essa pessoa era... o próprio executado, o descendente do Conde de Oeiras, o herdeiro, pelo casamento, do velho *fakir* dos milhões... O juiz franziu o sobrolho e disse: «Fica prevenido... A lei declara que todo o arrematante nestes leilões que não entrar com o dinheiro do lança num prazo de três dias será preso e julgado, fazendo-se imediatamente nova praça... Compreendeu? Fica prevenido!»

Ergue-se a gente da Justiça. Dispersam os curiosos... Cochicham-se comentários... E cá fóra, no Largo de Quintela, reverberando ao sol, o Eça de mármore, debruçado sobre o seio maravilhoso da verdade, parece segredar-lhe...: «Quanta mentira o manto da fantasia... quando não é diáfano, pode ocultar...»

RUY XIMENES

## UM TRIUNFO JORNALÍSTICO



Cesar Marques da Silva,  
um dos amigos do «Reporter X»

so jornal é que não sabem que o *Reporter X*, para poder estar nas mãos dos seus leitores à sexta-feira, começa a impressão à segunda-feira, sendo necessário que to-

dos os artigos e reportagens estejam escritos até segunda-feira ao meio dia.

Alfredo Marques fez as suas investigações sobre o crime do «Marquês da Prova dos Vinhos Maduros» com uma rapidez e sagacidade detectivescas, e na manhã de segunda-feira estava escrito o que os leitores saborearam na sexta. Portanto, à data em que o artigo foi escrito, tudo quanto a polícia apurou na quinta-feira, porque a autópsia denunciava estrangulamento, estava por nós previsto e deduzido no sábado anterior.

Outro pormenor curioso: Dias antes do crime, apresentaram-se na nossa redacção duas pessoas que não conhecíamos — os srs. Daniel da Silva e Cesar Marques da Silva, ambos hóspedes da mesma pensão onde João Maria da Fonseca vivia com o filho. Aqueles dois cavalheiros vinham observando, havia algum tempo, o falso marquês e procuraram-nos para que um dos nossos «reporters» investigasse a sua vida. Dir-se-ia que aqueles nossos amigos tinham faro de *detective*, porque, decorridos poucos dias após a sua primeira visita, o Fonseca assassinava o filho!

A Daniel Silva e Cesar da Silva deve o *Reporter X* muitos dos pormenores interessantes que publicou sobre a vida do desnaturalado que, ao estrangular o seu filho, não sentiu que torturava a sua própria carne.

# A FÔRÇA DE UMA FOLHA DE PAPEL

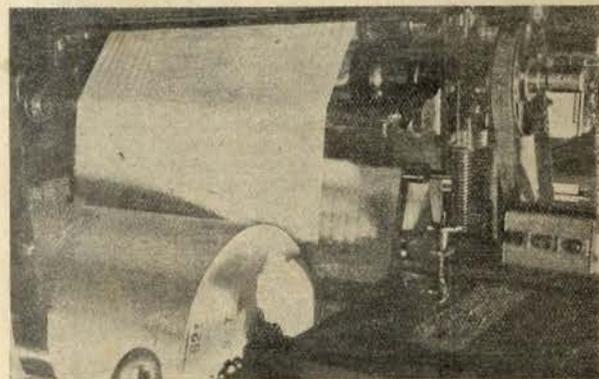
**Inconstante como vento — Da Terra à Lua numa fôlha de papel — Quem fez a Revolução Francesa? — O vencedor da Grande Guerra — Nas caves da Rússia czarista — A esperança dos escravos.**

**M**AIS frágil do que a haste delgada de uma flôr, mais desprezada do que um insecto insignificante, mais maleável do que o junco e menos resistente do que o trapo de que é feita — a folha de papel representa no mundo uma fôrça mais destruidora do que a de um canhão moderno, mais impetuosa do que todos os animais ferozes da selva, mais eloquente do que Demosthenes, mais arrebatadora do que os apóstolos iluminados. Sem ela a irradiação mental de um homem do nosso tempo é quasi um zero.

Com a mesma facilidade com que purifica e eleva ao zenth dos ideais perfeitos a bestial e abjecta alma dos criminosos, corrompe e mancha — como nódoa de gordura — os espiritos inocentes. Com a mesma presteza com que afirma — nega. E' inconstante como vento, fútil e perigosa como certas mulheres fatais. Assassina e salva, condena e redime, diz e desdiz. E sendo assim, ora volúvel, ora céptica, ora iluminada de fé; umas vezes, boa, outras, péssima; hoje, meiga, amanhã, irascível; agora, submissa; logo, rebelde; a Humanidade já não pode passar sem ela — sem a sua querida e contraditória folha de papel! — como certos homens obsceados por um vicio absorvente que quanto mais nêse se afundam mais lhe querem. Ela é o reflexo da alma e do pensamento humanos. A sua obra immense não passa de um misto gigantesco de bondade e de impureza, como toda a obra que a Humanidade gera.

## PROPORÇÕES GIGANTESCAS

Em uma das mais recentes edições do *Chicago Tribune*, um sábio americano — J. Brown, da Universidade de Filadélfia — publicou um artigo curioso sobre a importância do papel. Como bom americano, interessou-lhe mais o problema material do que o moral. E esse mesmo — o material — é simplesmente gigantesco, como se depreende de alguns exemplos por êle citados, que trasladamos para aqui sem lhe pedirmos licença.



Máquinas gigantes desbobinam quilômetros de papel impresso

Escreve Mr. J. Brown: «Se reduzissemos a uma delgada folha — como a do jornal em que escrevo, por exemplo — com a largura de meia jarda o consumo de papel que se faz em todo o mundo durante vinte e quatro horas, obteríamos uma tira imensa capaz de dar duas vezes e meia a volta ao globo terrestre.» Outro exemplo do sr. Brown: «Postos no prato de uma balança incomensurável quatro arranha-céus de quarenta andares e noutro prato a produção mundial de papel, num só dia, êste último vergava imediatamente.» O sábio, oriundo dessa América que consome dois terços da produção mundial do papel nas edições sucessivas e constantes dos seus incontáveis diários de sessenta páginas, com milhões de exemplares de tiragem, escreve ainda esta revelação colossal: «O consumo mundial de um ano reduzido a uma fita de meia jarda de largura cobriria uma distância superior à que separa a Terra da Lua. E com a produção de um dia poder-se-ia tapar a Europa e grande parte da Rússia Oriental com a mesma facilidade com que se forra uma parede.» Quasi no fim do seu artigo sensacional, o sábio esclarece: «A's cifras, que produzem no cérebro humano uma impressão vaga e de lenta visão, preferi êstes exemplos e comparações que melhor nos dão a noção aproximada da grandeza do problema.»

Será melhor não nos fixarmos demasiado em coisas tão grandes que nos podem levar ao manicómio...

## O PAPEL NA HISTÓRIA

Mas enquanto o sr. Brown se entretém a estudar o aspecto material do problema do papel, vamos nós dar um golpe de vista, muito rápido e sumário, sobre alguns acontecimentos da História da Humanidade em que o papel assumiu... um papel preponderante.

O mais antigo (aliás recente em relação à História Universal, visto que o papel é uma invenção moderna) é sem a menor sombra de dúvida a Revolução Francesa. A actividade espantosa dos enciclopedistas, que, auxiliados pela força até então quasi ignorada do papel, realizaram um trabalho espantoso de divulgação de idéias e sistemas adversos ao feudalismo, produziu a Revolução Francesa, divulgando-se os seus princípios (ainda por interferência do papel) através do mundo. Sem o papel ainda não teríamos chegado, sequer, à Democracia. Foi o papel, subtil, discreto, circulando através dos escaninhos secretos das chancelarias, denunciando aqui, espiando acolá, fazendo conciliábulos, fomentando a aliança de quasi todos os Estados da Europa, que tornou possível a rápida queda do maior génio militar dos últimos tempos que foi Napoleão. Se tivesse vivido na antiga Roma, sem o perverso e silencioso inimigo que é o papel, Napoleão, em vez de construir um império de quinze anos, teria consolidado uma nova civilização de quinze séculos.

Foi o papel que derrubou os Braganças em Portugal e os Bourbons em Espanha.

A vitória maior do papel, nos últimos anos, foi agora durante a Grande Guerra. Sem a sua fôrça irradiadora de pensamentos, sem a rápida ligação de actividade que fomentou em todo o mundo, sem a propaganda formidável das nações aliadas, como po-



deria a Alemanha — ferremente apetrechada — sofrer tão grave derrota?

A quem devem os bolchevistas o seu triunfo? Ao papel — aquele papel subversivo que se imprimia em caves secretas, que se distribuía sigilosamente aos estudantes e aos operários, que vinha contar ao mundo civilizado as injustiças dos tzars, as misérias dos mujicks e os tormentos da Sibéria.

O papel arranca da sombra as descobertas mais famosas, oferece aos ignorantes a luz da sabedoria, dá aos parentes distantes as gratas novidades, semeia a civilização entre os povos bárbaros e leva ao coração dos escravos a esperança no resgate.

Bemdito seja o papel em que nós te podemos louvar, papel!

MÁRIO DOMINGUES.

## O que interessa saber

PODE classificar-se de prodigiosa a actividade daquela casa. Compra e vende propriedades; coloca capital sobre hipotecas; vende prédios de diferentes preços em todos os bairros da cidade, de construção antiga e moderna, e, bem assim, moradias próprias, desde as mais modestas às mais luxuosas; quintas e terrenos para construção em Lisboa e arredores, facilitando o pagamento. Empresta dinheiro sobre hipotecas de prédios em Lisboa. Os clientes que queiram comprar ou vender propriedades por intermédio desta casa creditíssima devem escutar o que ela diz:

«Como estamos encarregados da venda de muitíssimas propriedades que não são, na sua maior parte, anunciadas nos jornais, os Ex.<sup>mos</sup> Clientes que o desejo podem consultar nos nossos escritórios os registos de propriedades que temos para venda, ou, quando o não possam fazer, nós nos encarregamos, logo que nos seja solicitado, de mandar notas detalhadas das propriedades que estejam dentro do seu orçamento.

«O cliente que comprar propriedades por intermédio da nossa casa evita muito trabalho e perda de tempo, que naturalmente lhe faz falta aos seus afazeres e que lhe pode até trazer prejuizos muito superiores à diminuta comissão a pagar ao escritório, pois organizamos toda a documentação, que submetemos à apreciação do nosso advogado, pela qual se verificam os encargos da propriedade, quer estejam ou não registados na respectiva Conservatória, pois alguns há que n'ó estão registados, o que acontece muitas vezes com contribuições em atraso, etc.. Quando a propriedade está onerada com foros, hipotecas, penhores, etc., tratamos da sua remissão e cancelamento, ficando assim garantido o sossego dos nossos clientes, a quem ficamos ligados moralmente, com a certeza de que, no futuro, lhes não apparecem embaraços.»

E que casa é que pode falar, no nosso tempo, com tanta segurança ao grande público e que lhe inspira tanta confiança?

E' Mendonça, Ld.<sup>ª</sup>, no Rossio, 74, 1.<sup>o</sup>, bem conhecida pela lisura com que trata dos seus negócios.

# Novela n.º 35

## A Trincheira Embruxada

Quinta-feira, 19 de Novembro de 1931

**Sensacionalíssimo  
original inédito  
de REPORTER X**

# LEIAM

Devido a remodelações dos serviços gráficos do «Reporter X», a «Novela Policial», que não pôde publicar-se durante três semanas, volta agora a aparecer **IMPRETERIVELMENTE A'S QUINTAS-FEIRAS**, sensacional como sempre.



## Breviário de Beleza

### Livro de MADAME DENTELLE para as mulheres portuguesas

Repositório de muitas coisas que a mulher de todas as idades deve saber, para o seu bem-estar, para ser feliz e dar alegria e felicidade às pessoas com quem convive

**LIVRO QUE ENSINA**

### A ARTE DE SER BELA

Saber conservar a mocidade — Evitar os traços implacáveis do tempo — Aprender atitudes e boas maneiras — Indicações sobre preceitos do convívio na sociedade — Como se conquistam simpatias — O culto da beleza do corpo, pela ginástica de movimentos simples e fáceis. Este livro é ilustrado com muitas gravuras que explicam como e quando se deve fazer a ginástica indispensável a todas as senhoras — A higiene física para manter a agilidade, poderoso factor na estética feminina — Como se conserva a juventude, na expressão fisionómica, nas atitudes e nos movimentos

#### BREVÍARIO DE BELEZA

É um livro precioso de leitura amena, cheia de ensinamentos úteis, impresso em magnífico papel e profusamente ilustrado

Escudos 2 (PELO CORREIO MAIS 50 CENTAVOS)

PEDIDOS A **MADAME DENTELLE**  
Secção Feminina da revista «A B C»

[RUA DO ALECRIM, 69, r/c.

As remessas podem ser feitas em estampilhas, notas do Banco ou vales do correio